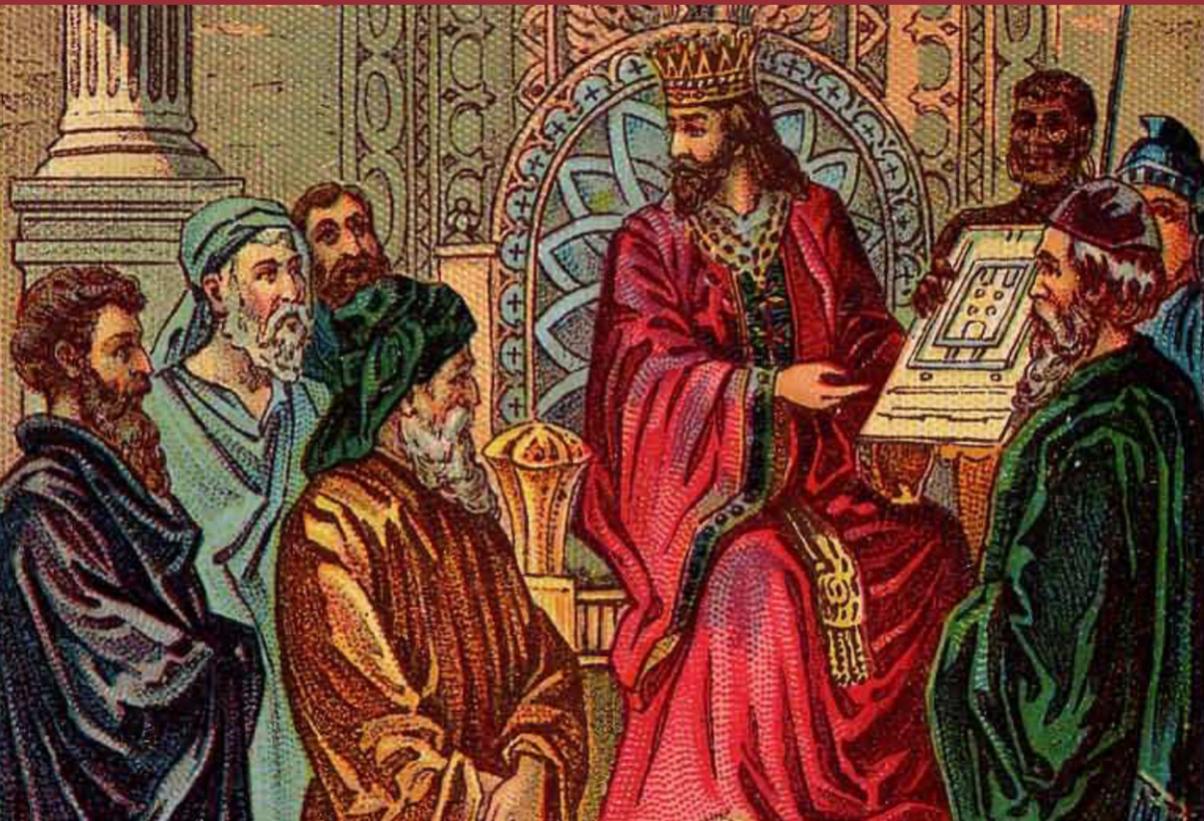


José Lopes da Silva

# ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DAS CRÔNICAS · I e II



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO**  
**DOCTRINA CATÓLICA**

.....

**LIVRO DAS CRÔNICAS · I e II**

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

**1ª EDIÇÃO**

**DIAGRAMAÇÃO**

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

**IMAGENS**

[pixabay.com.br](https://pixabay.com.br)

[pt.wikipedia.org](https://pt.wikipedia.org)

# SUMÁRIO

.....

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DAS CRÔNICAS · I e II.....	5
O CONTEXTO.....	5
A OBRA.....	7
Estrutura.....	7
Gênero.....	7
Temática.....	7
Mensagem teológica.....	9
ESTUDO DO PRIMEIRO LIVRO DAS CRÔNICAS OU PARALIPÔMENOS.....	15
I - REGISTROS GENEALÓGICOS (1Cr 1-9).....	15
ESTUDO DO SEGUNDO LIVRO DAS CRÔNICAS.....	26
III - REINADO DE SALOMÃO (2Cr 1-9).....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

# INTRODUÇÃO AOS LIVROS DAS CRÔNICAS · I E II



*Crônicas* é uma tradução literal do título hebraico *dibrê haiiamim* (“fatos dos dias”). No grego e na Vulgata, *Crônicas* praticamente constitui uma espécie de complemento aos *Livros de Samuel e Reis*. Na realidade, junto a *Esdras* e *Neemias*, é uma obra historiográfica independente, mas que se apresenta de uma forma quase paralela.

Para *Crônicas*, o centro da história de Israel se encontra no Templo, no seu culto e no seu sacerdócio. A história anterior à de Davi, aquela do reino de Israel depois da separação dos dois reinos, toda forma de culto anterior ou paralela ao Templo não parecem dignas de interesse e deve ser ignorada. Davi aparece como pai espiritual do Templo, o qual, não tendo permissão de edificá-lo, organizou o culto e preparou os materiais para a sua construção (1Cr 22). Seus continuadores espirituais são Salomão, Josafat, rei piedoso e zeloso da lei, e, naturalmente, Ezequias e Josias. Tais personagens aparecem como uma síntese dos heróis nacionais. Muitos aspectos de suas biografias são suprimidos ou manipulados favoravelmente. *Crônicas*, de fato, escreve intencionalmente obra sacra e faz dos protagonistas protótipos de soberanos fiéis.

## O CONTEXTO

Quanto ao autor, os estudiosos têm vozes divergentes. Para alguns, a obra é trabalho de um só autor; para outros, o livro é construção literária

de diversas mãos. A semelhança de vocabulário entre 1-2 Crônicas é um argumento literário para a ideia de um só autor. Outro argumento é a concepção teológica que perpassa as duas obras. De fato, os dois livros expressam preocupações com o lugar central do Templo e suas instituições (servícias, pessoas, culto) na vida da comunidade pós-exílica. O tema teológico é ainda a insistência sobre a unidade de Israel e outras doutrinas como a retribuição, a chamada ao arrependimento e à conversão.

Autores modernos, no entanto, questionam a semelhança no vocabulário dos dois livros. Para eles, a sintaxe e o estilo literário não permitem sustentar que ambas as obras tenham sido escritas por uma mesma pessoa.

Dado o estado da questão ainda tão discutível, precisamos ser cautelosos ao imaginar uma só obra de Crônicas, Esdras e Neemias. A maioria dos exegetas, entretanto, ainda identifica o autor dessas obras como “O cronista”, que teria escrito as quatro obras.

Considerando os quatro livros como um só, pode-se dizer que o seu período abarcaria do retorno do exílio (539 a.C.) ao ano 200 a.C. Nesse caso, seria contemporâneo de Ezequiel e da história deuteronomista. A menção da subida ao poder do rei persa em 2Cr 35-36 aponta para data mais remota, o ano 539 a.C.

Não há ainda elementos que reflitam a polêmica antissamaritana, o que faz supor que o escrito seja anterior ao período grego. As campanhas de Alexandre não são registradas, nem tampouco questões relativas ao helenismo. Esses dados e omissões indicam uma composição durante o período persa. Também o hebraico parece bastante tardio: outro argumento que situa a composição da obra não antes do período pós-exílico e provavelmente durante ele.

## A OBRA

### Estrutura

O conteúdo dos livros pode ser dividido em quatro partes:

1Cr 1-9: as genealogias de Adão a Davi, com interessante variantes e notícias inéditas nos confrontos com os livros do Pentateuco e com os Profetas anteriores;

1Cr 10-29: a vida de Davi;

2Cr 1-9: a vida de Salomão;

2Cr 10-36: sucessores de Salomão.

### Gênero

Os *Livros de Crônicas* transmitem, sem dúvida, um conteúdo de dimensão histórica, com a intenção de ser histórico. O problema consiste em definir essa forma tão particular de analisar e compreender a história. De fato, nessa composição literária encontramos elementos dos tipos midráshico, teológico e exegético, todos em relação um com o outro. Crônicas organiza com talento e criatividade um material bastante diverso, conferindo unidade a ele. Trata-se de uma composição que relê os dados históricos sob a ótica da realidade de sua composição.

### Temática

O Cronista escreve em uma época na qual o povo de Israel aparece já bastante amadurecido na fé. Desde a sua eleição, superou o deserto, gozou da conquista da Terra Prometida e assistiu à destruição dos reinos do Norte e do Sul. Depois do exílio, é imagem de uma nação que conheceu o domínio, a submissão, a destruição, e que, inclusive, estava sob a ameaça de desaparecer.

Na história de Jerusalém, todo Israel se reconhece: viveu momentos de glória, foi conquistada, edificada, evacuada e depois novamente recuperada, em momento no qual o entusiasmo dos que retornam do exílio se mescla à apatia daqueles que em Jerusalém residem.

É nesse contexto que aparece *Crônicas*, obra cujo intento é o de ajudar a reedificar uma comunidade moralmente desgastada. A história particular de Israel parte da convicção de que o futuro e a esperança são ainda possíveis. Jerusalém continua sendo o lugar escolhido por Deus para viver. Aqueles que retornam, na fé, são sim capazes de recriar o povo de Deus.

Diversos autores sustentaram que a finalidade própria dessa obra é a de legitimar as instituições culturais de Jerusalém como as únicas verdadeiramente autênticas, e mostrar como o reino de Judá foi a única comunidade na qual se realizou a vocação do povo de Deus. Outros ainda defendem que a intenção principal desta composição é recolocar a casa de Davi em uma posição privilegiada na história de Israel, além de reivindicar a autoridade do Templo e do culto aos templos de Zorobabel.

A monarquia aparece como instituição fundamental do povo de Israel. Claro que nem toda a monarquia é tratada da mesma maneira. De um lado, apresenta a monarquia davídica-salomônica, de outro, todos os outros reis. Trata-se de um esquema binário, mas que sustenta a ideia de um reino unido e ao mesmo tempo dividido. Davi e Salomão são idealizados, quase divinizados. A relação entre a vida pública e a vida privada do soberano Davi é narrada com mais riqueza do que no caso do seu filho. Ambos aparecem estreitamente ligados ao Templo.

## Mensagem teológica

*Crônicas* abre um espaço de encontro de Deus, soberano que rege o destino dos homens, com seu povo. Para a obra, a história de Israel é como uma estrada percorrida pelo povo, guiado e protegido pela providência divina. O princípio que governa tal história é o próprio Senhor, quem garante a existência de Israel.

Para exprimir tal relação entre Deus e seu povo no âmbito da história, *Crônicas* recorre à ideia de aliança, tendo-a como a mais adequada para formular a pretensão de Israel de continuar a viver como povo de Deus, eleito e depositário das promessas.

Um outro conceito adotado por *Crônicas*, quando trata do tema da relação histórica entre Deus e o seu povo, é o de eleição. De fato, a relação entre Deus e o seu povo se exprime por uma aliança, feita desde a Antiguidade, com Abraão e Moisés. A eleição é a coluna fundamental das genealogias no início do livro.

Segundo *Crônicas*, *Deus intervém constantemente na história*, sobretudo com o escopo de vigiar a justiça, por isso o Senhor é qualificado como Justo. A resposta humana a tal projeto divino se exprime pelo comportamento de adoração e fidelidade à vontade divina. Talvez por isso o Cronista descreva com tanta riqueza de detalhes a vida religiosa e cultural de Israel. A oração do verdadeiro crente deve ser um ato de agradecimento pelos dons recebidos (1Cr 16,8-36; 29,16). Todas as bênçãos de Deus se concentram em dois elementos fundamentais: a obtenção da Terra Prometida, dada pelo mesmo Deus e ocupada por várias tribos (1Cr 16,15-18; 2Cr 20,7), e a presença constante de Deus entre o seu povo.

Para o Cronista, *Israel é o verdadeiro povo de Deus*. Uma das implicações imediata da aliança é justamente a eleição de Israel como germe da relação de Deus com toda a humanidade. O Cronista apresenta Israel

como povo de Deus desde a origem da criação, porque a aliança existe desde sempre e é projetada a toda a humanidade. Os seus beneficiários não se limitam às tribos de Judá e Benjamim, mas a todos os filhos de Jacó, ou seja, às doze tribos. *Crônicas* é um constante apelo de reconstituição da comunidade da aliança, na qual cada um toma seu lugar, porque, no esquema de *Crônicas*, o Senhor, que é o Deus dos céus, tem um povo no qual prevalece um reino, Judá, e uma cidade, Jerusalém.

Nesse contexto, compreende-se por que *Crônicas* insiste em transmitir a importância *da unidade de Israel*. A expressão “todo Israel”, recorrente na obra, enfatiza que o verdadeiro Israel é constituído pelo Reino do Norte e pelo Reino do Sul (2Cr 10,16-11,3). Quando entre os dois reinos nascem tensões, o Cronista, na sua sutil teologia, propõe a fraternidade entre os dois povos (1Cr 12,39; 13,2; 2Cr 11,4; 28,11). Para o Cronista, a unidade não tem preço, por isso ele espera sempre pela reunificação do povo. Toda tentativa de conquistar tal união por meio da guerra é refutada. Na verdade, somente a vontade de Deus é tida como meio idôneo e eficaz para alcançar a união almejada (2Cr 11,1-4; 13,3-20; 18,1-19,3).

Para o Cronista, a monarquia em Israel equivale ao reino divino. O trono real, de certo modo, é tido como o trono do próprio Deus (1Cr 29,5; 29,23). No discurso colocado na boca de Abia, rei de Judá, ele refuta Jeroboão, rei de Israel, porque usurpou o trono concedido por Deus à legítima descendência davídica, em uma pregação de claro cunho levítico, dirigida aos samaritanos contemporâneos do Cronista, na qual recorda-lhes que a única dinastia legítima é aquela de Judá e Jerusalém (2Cr 13,8). A convicção é tal que até mesmo Deus parece pensar assim (1Cr 17,14; 2Cr 9,8). A consequência imediata é a certeza

absoluta da estabilidade e segurança do reino, sempre que se aceite que tal segurança foi concedida à casa de Davi (2Cr 13,5; 21,7; 23,3).

Outra temática presente em *Crônicas* é a do Templo. Grande parte da história davídica é centrada nos preparativos para a construção do Templo. Salomão será o encarregado da construção material. Os levitas, personagens especialmente ligados ao Templo, aparecem em toda parte da obra. Mesmo nos reinos subsequentes a Salomão o Templo continua sendo de extrema importância na vida do povo de Deus (2Cr 13; 26; 29-31).

O Templo é essencial no aspecto físico e material, bem como no significado espiritual. Todas as questões que se referem a sua construção e a sua dedicação são sempre descritas minuciosamente (2Cr 3-7). O Templo é o lugar que o Senhor Deus escolheu como morada, contrário de todos os santuários dedicados a outros deuses. O Templo aparece estreitamente ligado à monarquia. Antes de tudo, o Templo é promessa que se precisa manter, e, depois, garantia das promessas divinas (1Cr 22,6-13; 28,2-10; 2Cr 6,4-11.14- 27; 13,4-12). Não só Davi teria se dedicado a cuidar do Templo, mas todos os reis apresentados pelo Cronista parecem, de alguma forma, empenhados em reformas religiosas e na organização litúrgica. Em suma, para o Cronista, o Templo é a instituição que torna visível de maneira mais perfeita o estado salvífico do povo, tornando-se assim o ponto de partida para restabelecer a identidade comunitária que reflete o próprio Deus. O Templo é, portanto, expressão da essência de Israel como comunidade aberta (1Cr 13,13-14; 2Cr 6,32-33).

Aos levitas é atribuída a legitimidade de todas as práticas religiosas e funções litúrgicas. Os levitas são tomados como um grupo à parte, que Deus mesmo escolheu para cumprir as funções cultuais. *Crônicas*

os apresenta como protagonistas da vida pós-exílica do Templo. Além disso, quer fazer acreditar que a sua importância sempre cresce mais. De fato, as suas funções abraçam tudo aquilo que resguarda a música litúrgica, a segurança do Templo e a administração de seus bens, o ensinamento e até mesmo a segurança no culto (1Cr 9,26-29; 25-26). Nessa linha, também a profecia é valorada positivamente e se apresenta como instituição que torna possível de modo imediato a instauração da monarquia (1Cr 11,3), que a protege dos perigos existentes (2Cr 24,20) e, em último caso, decreta o seu fim (2Cr 36,15-16). Em Crônicas, a palavra de Deus não chega ao povo somente pela boca dos profetas, mas é transmitida também pelos músicos e pelo rei em pessoa.

No que diz respeito à oração, a obra distingue claramente a intenção de caráter pessoal, o comportamento de um coração sincero, e as prescrições rituais estabelecidas pela Lei (2Cr 30,18-20). A postura religiosa sincera se manifesta na alegria e na comunhão com Deus. As celebrações, por isso, não são jamais representadas apenas pelos rituais, mas, sobretudo, por uma experiência religiosa celebrativa e de festa, que inclui tudo aquilo que comporta o encontro com Deus no seu Templo (1Cr 15,25; 29,9; 2Cr 7,10; 15,15; 20,27; 30,26). O fruto desse culto vivo e não puramente ritualista é um empenho, frequentemente expresso, de socorro às necessidades materiais do próprio povo, como expressão e manifestação da bondade de Deus aos que nele acreditam (1Cr 29,6-9; 2Cr 31,4-10). O sacrifício, por sua vez, é uma prática que pouco a pouco se torna a atividade mais importante entre aquelas cumpridas no recinto sacro (2Cr 7,12). Daí por que *Crônicas* oferece tantos detalhes sobre os sacrifícios (2Cr 8,13; 13,11; 31,3).

No que concerne à lei, a posição de *Crônicas* é bastante positiva. A lei é constantemente apresentada como efetiva, válida, não somente

para o passado mas também para o presente e para o futuro. Em *Crônicas*, a lei é sempre a lei do Senhor (1Cr 16,4; 2Cr 31,3), ainda que seja chamada lei de Moisés (2Cr 23,18; 30,16) ou palavras que Deus entregou a Moisés (2Cr 35,6). Em todas as ocasiões, o destinatário dos mandamentos é Israel. A lei é imutável em si; a Davi é concedido desenvolver somente quanto resguarda à organização dos ritos e aos serviços do Templo (2Cr 29,25-26). O rei em pessoa é apresentado como um segundo Moisés, servo fiel da lei, à qual tributa um particular reconhecimento de supremacia.

O ensinamento relativo à *retribuição* de caráter individual é um princípio geral que a obra mantém e difunde. O esquema é simplicíssimo. A fidelidade a Deus vem recompensada com um prêmio; a infidelidade, ao contrário, recebe castigo. Naturalmente isso acontece já nesta vida, porque a ideia de retribuição futura não é ainda amadurecida. Um exemplo é o próprio desenvolvimento da monarquia, porque a bênção ou a maldição atingem o povo como consequência do comportamento do seu rei. A fidelidade do soberano promove paz e prosperidade para o povo, e faz sim com que Deus venha em socorro em mais de uma ocasião (1Cr 28,9; 2Cr 13,19-20; 20,30). Contudo, a conduta do rei que se distancia do projeto de Deus é causa de destruição, doença e todo tipo de males (1Cr 10,13-14; 2Cr 12,5; 16,12; 21,1-14; 26,16-21).

A doutrina da retribuição em *Crônicas* garante a bênção futura a todos que vivem no respeito aos preceitos do Senhor. Isso é de grande importância para a obra, porque aí se encontra o fundamento da esperança da reconstrução de Israel como povo unido em torno de um único rei e um único Templo. A vida na fidelidade a Deus ou, na falta dessa, também o retorno sincero a Ele obtêm sempre o favor e a graça divina (2Cr 20,20).

Quanto ao *messianismo*, segundo *Crônicas*, Deus não só fez conhecer o seu desejo de ter uma habitação sobre a terra, casa preparada por Davi e concretizada por Salomão, mas também prometeu a duração eterna da casa ou dinastia de Davi. Para *Crônicas*, a casa de Davi é consolidada e constituída como a família na qual Deus confirmou a sua aliança. Talvez por isso Davi tenha sido apresentado de maneira idealizada. O autor da obra, de fato, evita mencionar as fraquezas e pecados desse rei modelo.

Em *Crônicas*, o elemento específico é que a esperança de instauração do Reino de Deus é fixada concretamente nos aspectos monárquicos, que já encontraram realização. Trata-se realmente de uma escatologia inaugurada e já em ato. Em outras palavras, para *Crônicas*, o futuro já começou, basta um olhar para as vitórias dos reis de Israel para perceber que Deus não desistirá de fazer vencedor o seu povo

# ESTUDO DO PRIMEIRO LIVRO DAS CRÔNICAS OU PARALIPÔMENOS

.....

## I - REGISTROS GENEALÓGICOS (1Cr 1-9)

**De Adão a Israel - Genealogias (1Cr 1,1-9,44).** Os primeiros nove capítulos contêm uma lista de genealogias que, começando por Adão, chegam até Davi. São amplas séries de nomes de pessoas, povos, territórios e cidades que refletem a situação histórica do tempo em que o Cronista escreve. Aí não figuram mulheres. O material utilizado nestes capítulos em parte provém de textos bíblicos (Gn 5; 10s; 35; Nm 26; 2; Js 14) e em parte é enriquecido por outras fontes que desconhecemos.

A série de nomes começa com Adão; deste passa para Abraão e os doze filhos de Jacó-Israel; o centro da lista é ocupado, por um lado, pela tribo de Judá, da qual descende o rei Davi, e por outro, pela tribo sacerdotal de Levi. As outras tribos, bem como Noé, Abraão e Moisés, passam para segundo plano. Dessa maneira, o Cronista expõe o projeto de Deus sobre a criação e a humanidade: desde o primeiro ser humano toda a história converge para Davi, para o sacerdócio e para Israel unido em torno da tribo de Judá. Consequentemente, esta longa série de nomes se transforma em uma mensagem de esperança: o futuro de Israel está antecipado em seu passado. As listas de nomes terminam com Saul, preparando desta maneira a história de Davi, figura principal do Cronista.

**De Adão a Abraão - de Abraão a Israel (1Cr 1,1-2,2).** Os dados deste capítulo são tomados do Gênesis (Gn 5; 10; 25,1-4.12-15; 35s). O Cronista avança de maneira linear, deixando de lado os que não quer recordar. Em Noé, o tronco se divide em três ramos que procuram explicar a origem dos povos do Oriente Médio: Jafet (1,5-7) corresponde aos povos europeus provenientes do mar; Cam (1,8-16), os povos da África, incluindo cananeus, filisteus e fenícios; e Sem (1,17-27) aos semitas, povo do qual nasce Abraão. A descendência de Abraão se divide principalmente em dois ramos: Isaac e Ismael (1,28-34), que por sua vez se divide desde Isaac em Jacó-Israel (2,1s) e Esaú-Edom (1,35-54).

**A tribo de Judá e a casa de Davi (1Cr 2,3-4,23).** O texto está dividido em três partes. No centro há uma genealogia da casa de Davi (3,1-24) demarcada por duas genealogias da tribo de Judá (2,3-55 e 4,1-23). Dessa maneira, o Cronista quer expressar que a dinastia davídica está indissolúvelmente ligada à história da tribo (1Cr 28,4).

**Filhos de Judá I (1Cr 2,3-55).** O capítulo centra-se nos filhos de Judá, cuja linha principal segue a descendência dos dois filhos tidos com Tamar: Farés e Zara, com especial atenção aos descendentes de Farés dos quais nascerá Davi. Aparece discretamente o tema da retribuição imediata, uma constante teológica do Cronista (v.3).

**Casa de Davi (1Cr 3,1-24).** O capítulo enumera os descendentes de Davi. Divide-se em três partes: a primeira apresenta os filhos de Davi (vv.1-9), a segunda dá os reis de Judá (vv.10-16), e a terceira, os descendentes de Davi depois do exílio (vv.17-24). Alguns dados foram tomados de 2Sm 3,2-5 e 5,14-16, bem como de Es 8,3.

**Filhos de Judá II (1Cr 4,1-23).** O Cronista acrescenta complementos à lista de descendentes de Judá no cap. 2.

**Simeão e as tribos transjordânicas (1Cr 4,24-5,26).** Depois de

Judá são apresentadas as tribos de Simeão e da Transjordânia: Rúben, Gad e parte da tribo de Manassés, das quais se ressalta sua infidelidade para com Deus, pelo que foram deportadas.

**Descendentes de Simeão (1Cr 4,24-43).** Com relação a Simeão, desde tempos muito antigos foi associada à tribo de Judá (Js 15; 19,1-8) pelo que será finalmente absorvida nos tempos de Davi, segundo o Cronista (4,31).

**Descendentes de Rúben, Gad e Manassés (1Cr 5,1-26).** Essas tribos foram deportadas em 734 a.C. por Teglat-Falasar, mas o Cronista confunde essa deportação com a de Salmanasar (2Rs 17,6). O pecado é descrito com a imagem da prostituição sagrada com outros deuses. Segundo a pregação profética, Deus se serve de estrangeiros para castigar o povo.

**Descendentes de Levi - cidades levíticas (1Cr 5,27-6,66).** O texto se ocupa, sobretudo, da descendência de Caat, a linha através da qual se chega a Aarão e, a partir dele, aos sumos sacerdotes até a época do exílio. A lista dos sumos sacerdotes serve para confirmar a continuidade do serviço sacerdotal de Israel e legitimar o sacerdócio sadoquita (1Rs 2,26s.35). A lista continua seguindo Nm 3,17-20. Depois assinala os descendentes de Levi segundo as tarefas realizadas: cantores, serviçais do templo e sacerdotes. Finalmente apresenta uma longa lista de povoações levíticas tomadas de Gn 31 e Js 21,5-8. As cidades mencionadas encontram-se no território das demais tribos.

**As outras tribos (1Cr 7,1-8,40).** Estes capítulos contêm notícias muito curtas a respeito das outras tribos de Israel: Issacar, Benjamim, Manassés, Efraim e Aser. Quase nada se diz a respeito de Neftali, ao passo que Dã e Zabulon nem mesmo aparecem, pois já não existem na época do Cronista. O reaparecimento dos benjaminitas tem como objetivo ligá-los a Jerusalém e com o rei Saul protagonista do cap. 10,

no qual encontramos sua árvore genealógica.

**A comunidade de Jerusalém depois do exílio (1Cr 9,1-44).** Este capítulo tem a função de concluir as listas dos cap. 2-8 e preparar a narração do reinado de Saul. Depois do retorno do exílio os habitantes de Jerusalém são repartidos segundo as seguintes categorias: israelitas (3-9), sacerdotes (10-13), levitas (14-16), os porteiros do templo e cantores (17-34). Dessa maneira, Jerusalém aparece como uma cidade cultural, uma comunidade sagrada, reunida em torno do templo e seus funcionários. O texto continua Ne 11,3-9. Os porteiros se destacam por serem os guardiões do templo, instruídos para evitar que o templo seja profanado.

**O reino de Davi (1Cr 10,1-29,30).** Esta sessão constituiu o centro da obra do Cronista. Está dividida em quatro grandes momentos: o início do reinado (10-12), a transferência da Arca para Jerusalém (13-17); as guerras de Davi (18-20); e a organização interna do reino (21-29). O Cronista afasta-se frequentemente dos textos dos livros de Samuel. Umas vezes os amplia, outras vezes os modifica, e outras vezes omite episódios significativos, como o pecado de Davi e Betsabé (2Sm 11), a ascensão ao trono de Davi (1Sm 13-30), ou a rebelião de Absalão (2Sm 13-20). Para o Cronista, Davi é o rei ideal, cujo reino é digno de ser imitado pela comunidade do período pós- exílico, organizador do culto, de acordo com Moisés.

**O início do reino (1Cr 10-12).** Depois da morte de Saul causada pelos filisteus, o Cronista relata a entronização de Davi. Os cap. 11s constituem uma unidade em torno da imagem de Davi como rei de “todo Israel”. Todo o material provém de II Samuel, mas retocado pelo Cronista, para leitores que já conhecem a história de Davi, orientando-os para uma nova compreensão da mesma história.

**Morte de Saul (1Cr 10,1-14).** O Cronista continua 1Sm 31,1-13 que

narra a batalha de Gelboé, na qual Saul morre. Com a morte de Saul devida a sua infidelidade ao Senhor - que implica conhecer 1Sm 28 - o autor quer ressaltar e dar maior glória ao reinado de Davi. Nada se diz da dimensão humana de Saul e do papel de Samuel.

**Davi, rei de Israel - conquista de Jerusalém (1Cr 11,1-46).** Davi aparece como rei de todo o Israel. Não menciona o reinado anterior, de sete anos, em Hebron. A ideia de fundo do Cronista é apresentar um Israel unido e compacto em torno da figura de Davi. A conquista de Jerusalém é o episódio inaugural de seu reinado: a eleição de Davi é unida então à eleição da capital. A lista de seguidores de Davi (11,10-46) depende de 2Sm 23,8-39.

**Partidários de Davi (1Cr 12,1-40).** O capítulo engloba duas grandes listas. Uma primeira, de 12,1-23, na qual se menciona as tribos de Benjamim (2-7), Gad (8-15), Benjamim e Judá (16-18) e Manassés (19-21). E uma segunda de 12,24-38, onde são mencionadas todas as tribos de Israel. O sentido dessas listas é proclamar Davi como rei de todo o Israel (38). Dessa maneira, o Cronista retoma a ideia de unidade mostrando Israel de maneira compacta em torno de Davi.

**Transferência da Arca para Jerusalém (1Cr 13-17).** Tomando como base o texto de 2Sm 6,1-23, o Cronista amplia consideravelmente a narrativa da transferência da Arca para Jerusalém. A narração apresenta dois momentos: uma primeira tentativa de transferência (v.13) e a definitiva transferência da Arca para Jerusalém (15-16). Os dois momentos estão separados pelo relato da guerra contra os filisteus (v.14). Termina com a profecia de Natã (v.17). A tônica agora recai sobre o aspecto religioso: o coração do reino é constituído pela Arca, sinal da presença de Deus, pelo culto desenvolvido na cidade e pelo templo anunciado por Natã.

**Primeira tentativa (1Cr 13,1-14).** O relato continua 2Sm 6,2-11.

O primeiro ato oficial de Davi, depois de sua coroação, é decidir a transferência da Arca. O novo rei celebra conselho, primeiro com seus oficiais e depois com o povo antes de transferir a Arca. A translação se transforma em uma peregrinação de todo o Israel. O episódio de Oza contrasta com as bênçãos que Obbedom recebe: a Arca, expressão visível da presença de Deus, merece absoluto respeito.

**Davi em Jerusalém - batalha contra os filisteus (1Cr 14,1-17).**

Davi aparece como uma figura muito importante perante as outras nações. Enquanto a benevolência dos tírios lhes acarreta paz e bons negócios (vv.1-2), a malevolência dos filisteus lhes acarreta derrotas (vv.8-17). O Cronista destaca a figura de Davi como a do rei obediente a Deus (vv.10.14-16), modelo com base no qual serão julgados todos os outros reis.

**Transferência definitiva - a Arca na tenda (1Cr 15,1-16,43).** A partir dos dados de 2Sm 6,12-16 o Cronista reconstrói toda uma liturgia coral, com nomes e cerimoniais perfeitamente organizados. A ênfase recai no papel dos levitas, que são os encarregados de transportar a Arca. Sobressai a importância do canto e da música e a atmosfera de alegria e de festa.

O Cronista constrói em 16,8-36 um salmo de louvor que realça o papel principal dos levitas: o louvor a Deus que quase substitui o culto sacrificial próprio dos sacerdotes. Na realidade, é um poema composto pelos Sl 104,1-15 (16,8-22), Sl 95,1-13 (16,23-33) e Sl 105,1.47-48 (16,34-36), que louva o Senhor por sua obra salvadora.

Depois da inauguração do culto em Jerusalém menciona-se o culto em Gabaon (16,39-42) relacionando-o com a tenda do deserto (Ex 29,38-42; Nm 28,3-8). Dessa maneira, poderá justificar-se mais adiante a presença de Salomão nesse lugar (2Cr 1,1-13).

**Profecia de Natã (1Cr 17,1-27).** Seguindo 2Sm 7, o Cronista quer

ressaltar que, apesar de o próprio Davi ter querido construir um templo para o Senhor, o Senhor não lho permitiu, por ser “homem guerreiro” (28,3); seria seu filho Salomão, “homem pacífico” (22,9), quem o faria. Davi será o autor moral do templo: ele adquire o terreno (cap. 21), reúne os materiais para a construção (v.22), organiza o pessoal (22-26); todavia, será Salomão quem o construirá. Por outro lado, o Cronista quer ressaltar que a construção do templo é iniciativa direta de Deus, e não do rei (vv.4.11.14).

A oração de Davi de 17,16-27 serve ao Cronista para expressar a humildade de Davi diante da majestade de Deus e seu pedido de que sejam confirmadas as promessas divinas.

**Campanhas de Davi (1Cr 18-20).** Estes três capítulos agrupam em um só lugar todo o material relativo às guerras de Davi. O Cronista resume 2Sm 8-21 omitindo tudo o que pudesse danificar a imagem de um Davi ideal - assassinato de Amnon, revolta de Absalão - e conservando notícias que possam colocar em destaque Davi como guia militar. Dessa maneira, vai-se prearando a explicação para o fato de Davi não construir o templo (22,8; 28,3).

**Vitórias de Davi (1Cr 18,1-17)** sobre os filisteus (v.1), moabitas (v.2), sírios (vv.3- 8) e edomitas (vv.12s), o que assegura a paz nas fronteiras, ao passo que para seu povo sobressai a prática da justiça e do direito.

**Guerra contra os amonitas (19,1-20,3).** Vitórias de Davi contra os amonitas e os sírios. O Cronista continua 2Sm 10,1-19.

**Guerra contra os filisteus (1Cr 20,4-8).** Em 20,1 começa o capítulo dizendo “no ano seguinte”. Dessa maneira, o autor pula o homicídio e o adultério de Davi, a denúncia de Natã, a penitência e o castigo. Quanto às três guerras filisteias, o Cronista continua 2Sm 21,18-22.

**Construção do templo e organização do reino (1Cr 21-29).** Estes

capítulos estão dedicados à organização do culto e do clero. O relato do recenseamento depende de 2Sm 24, ao passo que os cap. 22-29 são próprios do Cronista. Costuma-se pensar que os cap. 22-27 foram incluídos posteriormente, visto que interrompem o ritmo da narração em 21,30, que posteriormente é retomado em 28,1.

**Recenseamento de Israel (1Cr 21,1-30).** O episódio do recenseamento e o da peste são importantes porque justificam a compra do terreno onde será construído o novo Templo (18). Nos dois episódios, através de um pecado, um castigo e uma expiação, chega-se à feliz escolha do lugar. Deus fica mais longe, ainda que sua soberania domine todo o processo. O lugar mais próximo do homem ocupam-no o anjo e o novo personagem, Satã. São duas figuras sobre humanas que se opõem em sua atividade, não em confrontação direta, mas sim em um processo referente ao homem. Este Satã é o espírito tentador que se insinua na mente do homem (1Rs 22,22; Jó 1,6; Zc 3,1s; Sl 35,2). Desse personagem procede o mau desejo e projeto de Davi; o Senhor fica livre da responsabilidade. O outro personagem é um anjo exterminador, como o de Ex 12,29, mas que só executa a sentença divina contra Israel: o rei não precisava contar seus súditos para gloriar-se de sua força, porque isso seria tentar a Deus.

**Preparativos para a construção do templo (1Cr 22,1-19).** Este texto compõe-se de três sessões: os preparativos de Davi (vv.2-5), o testamento dirigido a Salomão (vv.6-16) e o discurso dirigido aos chefes de Israel (vv.17-19). O tema de fundo que une as três partes é o da construção do templo, tema mencionado dez vezes de maneira distinta. Por outro lado, o capítulo entende explicar por que razão Davi não pôde construir pessoalmente o templo, apesar da grandeza de seu reino. A oposição guerra-paz, Davi-Salomão, explica precisamente que o derramamento de

sangue incapacita para construir o templo, e que será Salomão, “homem pacífico”, quem o construirá.

**Organização dos levitas (1Cr 23,1-32).** O texto está composto em três partes: uma introdução (vv.1-5), uma genealogia das famílias levitas (vv.6-23) e, por último, as tarefas dos levitas (vv.24-32). Ao distinguir com precisão a tarefa dos levitas em relação aos sacerdotes, o Cronista salienta duas funções levíticas novas: os porteiros (vv.28s) e os cantores (vv.30s). O canto é de tal importância que o v. 5 atribui a Davi inclusive a confecção de instrumentos musicais. Em referência ao recenseamento dos levitas não existe problemas, porque não procede de uma tentação de Satã, mas é exigido pelo serviço do templo.

**Organização dos sacerdotes (1Cr 24,1-32).** Os vv.1-19 estão dedicados aos sacerdotes, ao passo que os vv.20-31 constituem uma nova lista de levitas que não concorda com 23,6-24. A parte dedicada aos sacerdotes concentra seu interesse no sistema de divisão do clero em 24 classes, que o Cronista relaciona com Davi. Na realidade, tal sistema surge depois do exílio, com o que o Cronista procura legitimar as diferentes classes sacerdotais - de Abiatar e de Sadoc - por meio do recurso a Davi.

**Organização dos cantores (1Cr 25,1-31).** Repete-se a subdivisão em 24 classes de cantores semelhante aos sacerdotes. Apresenta-se Davi como fundador do canto litúrgico (v.1). A atividade dos cantores é descrita como profética (vv.1-3), o que pode significar que o canto, comparado com a profecia, era considerado como expressão privilegiada do culto e como meio de compreender através dele a vontade de Deus.

**Organização dos porteiros (1Cr 26,1-19).** Esta é a terceira lista de porteiros (ver 1Cr 9,17-26 e 16,37-43). Os porteiros eram os guardiões do recinto sagrado. Tinham de defender os acessos ao templo, inclusive

matando os intrusos.

**Organização dos encarregados do tesouro do templo e juízes. (1Cr 26,20-32).** Mencionam-se os levitas encarregados de assuntos econômicos e administrativos. Quanto aos levitas juízes, trata-se de assuntos que a autoridade real confia aos levitas e que ficam fora do serviço cultual. Em nenhuma outra parte da Bíblia se fala dos juízes como levitas; trata-se certamente de uma criação do Cronista.

**Organização militar e civil (1Cr 27,1-34).** Este capítulo se refere à organização militar e civil constituída pelos chefes do exército (vv.1-15), os chefes de tribo (vv.16-22); os administradores dos bens do rei (vv.25-31), e dos sete conselheiros reais (vv.32-34). Sua colocação no fim de todas as listas levíticas e sacerdotais afirma que as funções civis estão, de algum modo, em segundo plano na organização religiosa. A lista dos administradores do rei nos dá um bom resumo da economia agrícola, da criação de gado na época e do sistema eficaz de tributação.

**Testamento de Davi (1Cr 28,1-21).** Depois de um longo parêntese ajusta-se com 1Cr 23,2. O discurso de Davi (vv.2-10) concentra-se no tema da construção do templo, em função do qual Salomão é escolhido por Deus como rei. O templo é a tarefa primordial de Salomão. Nos vv.11-19 se faz menção da entrega dos planos do templo por Davi a Salomão. Segundo as crenças da época, é a própria divindade que entrega os planos do templo, que tem de ser imagem do templo celeste e que só Deus pode revelar (Ex 25-30; Ez 40-46); nesse sentido, a estrutura do templo é uma espécie de revelação (vv.12.20).

**Oferendas para o templo - oração de Davi - morte de Davi e reinado de Salomão (1Cr 29,1-30).** O capítulo é introduzido com o exemplo de Davi, que promove uma coleta generosa para o templo (vv.1-9). Em continuação, o Cronista introduz a oração de ação de graças de

Davi (vv.10-20) na qual se mostra uma profunda relação pessoal de Deus com o rei e com o povo e, além do mais, ressalta que tudo é de Deus e tudo volta para ele, e que nosso melhor dom é a sinceridade (vv.15-17). Com essa oração o Cronista quer fechar a longa narração do reinado de Davi, que morreu “numa feliz velhice, carregado de dias, de riquezas e de glória” (v.28), sinais da bênção divina.

A entronização de Salomão (vv.21-25) é apresentada como uma liturgia e se baseia em 1Rs 1s. Com essa entronização o Cronista articula o reinado de Davi com o de seu filho Salomão.

# ESTUDO DO SEGUNDO LIVRO DAS CRÔNICAS



## III - REINADO DE SALOMÃO (2Cr 1-9)

**O reinado de Salomão (2Cr 1,1-9,31).** Nestes capítulos o Cronista apresenta, de acordo com sua perspectiva, o reinado de Salomão seguindo os dados de 1Rs 1-11. O relato deste livro omite todos os aspectos negativos que manchem a imagem do rei ou que não se enquadrem com sua grandeza, como os crimes que precederam sua ascensão ao trono (1Rs 1s), o julgamento de Salomão sobre duas prostitutas (1Rs 3,16-28), a infidelidade do rei em sua velhice (1Rs 11,1-13), suas dificuldades políticas e econômicas (1Rs 11,14-40). O Cronista concentra-se na construção do templo, à qual dedica cinco capítulos (2-7). Salomão é descrito, então, como o rei ideal esperado por Israel; o rei que com a construção do templo leva à realização o projeto de Davi e o desígnio de Deus. O rei sábio que sabe construir, governar, comercializar bem.

Os cap. 1-9 começam em (1,14-17) e terminam em (9,1-28) com a celebração da riqueza e da sabedoria de Salomão.

**Visão de Salomão (2Cr 1,1-13).** O Cronista continua a narração de 1Rs 3,4-15 modificando-a a partir de sua perspectiva teológica: a presença de Salomão em Gabaon não é um ato de culto privado, e sim público, com dimensões de peregrinação. Desaparece a referência ao sonho. Além disso, o Cronista situa em Gabaon a tenda que Moisés mandou construir no deserto, para justificar a presença de Salomão em

um santuário diferente do de Jerusalém. O primeiro ato do reinado de Salomão constitui-se, assim, em um ato litúrgico, mais que político. A sabedoria solicitada pelo rei é a capacidade de guiar o povo de Deus mediante a construção do templo (v.10).

**Riquezas de Salomão (2Cr 1,14-17).** Esta menção é uma expressão da bênção divina que aprova o procedimento do rei.

**Construção do templo (2Cr 1,18-4,22).** O Cronista omite a narração de 1Rs 3,15-5,14 e passa a descrever a razão da existência do reinado de Salomão: a construção do templo, fazendo só uma rápida referência ao palácio real (2,11). Nos cap. 3s o Cronista descreve o edifício construído por Salomão com seu mobiliário e utensílios, seguindo o texto de 1Rs 6s. O Cronista emprega cifras e medidas exageradas, especialmente no que se refere à quantidades de ouro. Alguns detalhes indicam que o autor tinha em mente o templo reconstruído depois do exílio (3,14; Ez 40,5).

**Preparativos (2Cr 1,18-2,17).** O capítulo descreve a correspondência diplomática entre Salomão e Hirão, rei de Tiro. Nessa correspondência ressalta-se que, para a construção do templo, a direção artística (2,12s) e a mão-de-obra eram estrangeiras (2,16). Respeita-se o modelo entregue por Deus a Davi. O v.2,11 faz uma ligeira menção à construção do palácio real (1Rs 7, 1).

**As obras (2Cr 3,1-4,22).** Este episódio está dividido em três partes: a escolha do lugar (3,1s), a construção do templo (3,3-14), e a enumeração do mobiliário (3,15-4,22). Com relação ao lugar, respeita-se a escolha de Davi, que se relaciona com o sacrifício de Isaac; isso acrescenta prestígio ao templo, visto que se relaciona o sacrifício que Deus pede a Abraão com os que se realizarão no futuro templo. A referência ao segundo mês (3,2) e ao véu do templo (3,14) remetem ao templo reconstruído depois do exílio (Es 3,8).

**Dedicação do Templo (2Cr 5,1-7,22).** Estes três capítulos estão concentrados no tema da dedicação do templo, que sob a perspectiva do Cronista constitui o ponto central do reinado de Salomão. O texto amplia e modifica o relato de 1Rs 8,1 - 9,8; igualmente o Cronista trata de harmonizar o relato de 1 Reis com as práticas cultuais próprias de seu tempo.

**Transferência da Arca (2Cr 5,1-6,2).** O relato da transferência da Arca para Jerusalém e sua entrada no templo se divide em duas partes. Uma primeira parte que narra a transferência da Arca na forma de uma liturgia (5,1-10), onde todo Israel se congrega em torno do rei para tal ato (5,2s). Segundo o v. 4, os portadores da Arca já não são os sacerdotes, mas sim os levitas (ver 1Cr 23,13s; Nm 3,31). A segunda parte (5,11-6,2) segue 1Rs 8,10-13; narra como Deus toma posse do templo e insiste na importância dos levitas cantores. Termina o relato com uma ação de graças por Salomão (6,1s).

**Oração de Salomão (2Cr 6,3-42).** Eis aqui uma longa oração que o Cronista coloca na boca de Salomão. Está construída sobre o texto de 1Rs 8,14-53. A oração está composta por duas partes: uma referente ao povo (6,3-11) e outra como oração pessoal (6,12-42). Na primeira, ressalta o tema da eleição de Jerusalém como a cidade que Deus escolheu para erigir o templo, e a eleição de Davi e Salomão para construí-lo. Destaca-se o fato de que no templo mora o “Nome do Senhor” (vv.5.6.8.10). A segunda parte é uma súplica de intercessão em favor do povo com uma perspectiva muito mais universal (v.32). Reconhece-se que Deus ultrapassa os limites do templo (v.18), e que nele só habita seu Nome (v.20).

**Festa (2Cr 7,1-22).** Em uma primeira parte o Cronista nos mostra a festa da dedicação do templo. Seguindo 1Rs 8,54-66, mas modificando sua cronologia, faz coincidir a dedicação com a festa das Tendias (vv.9s).

Na segunda parte (11-22) narra-se a resposta de Deus a Salomão. Enuncia o princípio de retribuição, tão importante para o Cronista, que mais adiante aplicará aos outros reis de Judá.

**Empreendimentos e fama de Salomão (2Cr 8,1-9,31).** Nesta sessão o Cronista vale-se de 1Rs 9,10-28; 10,1-40 para construir sua narrativa. Não obstante, omite 1Rs 11,1-40 que contém um julgamento muito forte do reinado de Salomão. Pelo contrário, insiste naquilo que o destacou como sua sabedoria e suas riquezas. A sessão é construída em três momentos: enumeração de algumas construções ordenadas por Salomão (8,1-16); a glória de Salomão expressa no reconhecimento dos reis estrangeiros e sua riqueza extraordinária (8,17-9,28), e, por último, a morte de Salomão. A campanha contra o rei Emat, mencionada em 8,3, é historicamente provável. Em 9,29 citam-se três fontes às quais o Cronista remete, fontes que desconhecemos.

**Os reis de Judá até o exílio (2Cr 10,1-36,23).** A última parte da obra do Cronista está dedicada à história do reino de Judá, desde Salomão até os tempos do exílio, e elimina quase por completo toda referência ao Reino do Norte. Para o Cronista, o reino de Judá representará todo o Israel.

O critério de valorização de cada rei será sua fidelidade a Deus. Como modelos dessa fidelidade sobressaem quatro figuras ideais: Asa, Josafá, Josias e sobretudo Ezequias. Junto dos reis aparecem os profetas, cujo anúncio se condensa nas advertências e nos insistentes convites à fidelidade para com o Senhor. Na realidade, o Cronista convida a comunidade pós-exílica a buscar Deus, a manter-se fiel àquele que se manteve fiel a seu povo, apesar das dificuldades.

**O cisma (2Cr 10,1-19).** Este relato baseia-se em 1Rs 12,1-24. Aqui a revolta de Jeroboão é apresentada como castigo pelos pecados de Salomão

(vv.4.10s.14) narrados em 1Rs 11,1-13, que o Cronista ignorou. Além do mais, dá por entendido que os leitores conhecem a rebelião de Jeroboão e o episódio do profeta Aías de Silo narrados em 1Rs 11,29-40 (v.15). Apresentadas dessa maneira, as queixas das tribos do Norte carecem de fundamento. O cisma do Norte é apresentado então como uma rebelião de um servo contra seu senhor (13,6). Na realidade, o Cronista se vê obrigado a falar do cisma porque ele entra em contradição com sua perspectiva teológica de um Israel unido e fiel.

**Roboão de Judá - Abia de Judá (2Cr 11,1-13,22).** O reinado de Roboão continua 1Rs 12-14 em parte. Esta sessão poderia ser dividida em três grandes blocos: a fase positiva do reinado de Roboão, cap. 11; a fase negativa de seu reinado, cap. 12; o contraste com a fidelidade do reinado de Abias, cap. 13.

**Fase positiva (2Cr 11,1-23).** De início Roboão é representado como fiel à Palavra do Senhor, que lhe ordena não lutar contra Jeroboão. A lista de cidades (vv.5-12) é provavelmente autêntica, embora seja muito certo que as tenha fortificado só depois da invasão de Sesac, faraó do Egito (2Cr 12,1-12). Com o deslocamento de sacerdotes e levitas (vv.13-17) o autor quer incutir que o centro do culto se encontra em Jerusalém, e que os levitas foram fiéis ao templo desde o início.

**Fase negativa (2Cr 12,1-16).** Mediante um esquema de pecado, humilhação e perdão, o Cronista aplica a doutrina da retribuição ao caso de Roboão. Diante do abandono de sua Lei, o Senhor exige humilhação do rei e do povo por intermédio do profeta Semaías (vv.6.7.12). Como o povo se humilha, o Senhor não destrói de todo Judá (v.12). O capítulo termina caracterizando Roboão como aquele que “fez o mal, não aplicando seu coração à procura do Senhor” (v.14).

**Fidelidade de Abias (2Cr 13,1-22).** Apoiando-se nas notícias de 1Rs

15,1-8, o Cronista reelabora a história a partir de uma perspectiva nova: apesar de reinar três anos, o Cronista faz do rei um homem fiel a Deus, digno sucessor de Davi e de Salomão. A guerra contra Jeroboão (v.3) é provavelmente certa e dá oportunidade para introduzir um discurso de Abias às tribos do Norte (vv.4-12): os do Norte (vv.8.11) não são reino do Senhor; não têm dinastia legítima, mas sim um rei usurpador; não têm um Deus verdadeiro, e sim ídolos; não têm sacerdotes nem culto válido. Lutar contra Judá (v.10) é lutar contra o Senhor (v.12). Consequência lógica, a derrota de Jeroboão (vv.13- 18).

**Asa de Judá (2Cr 14,1-16,14).** Os três capítulos do reinado de Asa reelaboram as informações fornecidas por 1Rs 15,9-24. Em 1 Reis a figura de Asa é ambígua. O Cronista resolve as contradições introduzindo uma divisão temporal. A primeira etapa (vv.14s) é selada pela reforma religiosa e alcança seu ápice em uma magnífica vitória. Depois acontece um duplo pecado: procurar apoio em uma potência estrangeira (16,1-6) o que é uma deslealdade porque indica desconfiança no Senhor; e perseguir um profeta que o convida ao arrependimento e à busca de Deus (16,7-10). Como consequência vêm as guerras contínuas e uma doença que acaba com ele (16,11-14). Recorrendo exclusivamente a remédios humanos, o rei mostra que não compreendeu o sentido da doença e agrava o pecado. Dessa maneira, seu reinado se transforma em um exemplo vivo do princípio da retribuição.

**Josafá de Judá (2Cr 17,1-20,37).** A narração do reinado de Josafá amplia e modifica o texto de 1Rs 22,1-59, no qual a figura do rei não é tão destacada. O Cronista desenvolve amplamente a figura de Josafá em quatro quadros complementares e opostos que vão se alternando: reforma religiosa e militar (cap. 17), batalha e vitória (cap. 18), reforma judiciária (cap. 19), nova vitória (cap. 20). Para realizar a reforma, não se

contenta em impedir abusos, mas empreende uma campanha de instrução catequética por meio de pregadores e catequistas ambulantes (17,7-9). As medidas militares estão em continuidade com as tomadas por Asa, seu pai. A reforma religiosa serve de base para a reforma judiciária. O eixo dessa reforma judiciária é o cumprimento das disposições do Deuteronômio e os avisos dos profetas sobre os juizes (Dt 1,16s). Quanto às expedições militares, a do cap. 18 coincide com 1Rs 22; em troca, a do cap. 20 é criação do autor. Sua intenção é didática: o Cronista está instruindo seus concidadãos a confiar no Senhor; que não se comprometam em alianças ou em compromissos com outros povos, pois a eles só compete contemplar como o Senhor age nos acontecimentos e receber o prêmio por sua lealdade sem reservas, sem limites; a força não está nas armas, mas sim na proteção de Deus. Por isso, 20,1-30, mais que uma batalha, parece ser um ato litúrgico: na véspera o rei proclama uma assembleia litúrgica com jejum (20,3); nela pronuncia uma oração diante do povo, e Deus responde com um oráculo, que os cantores cantam com aclamações (20,4-19). Na manhã seguinte o rei pronuncia um discurso religioso e organiza suas tropas como uma procissão. Durante os cantos Deus desbarata o inimigo; os judeus sobem para contemplar a derrota (20,20-29). A conclusão do reinado de Josafá (20,31-21,1) é tomada de 1Rs 22,41-51, e nela o fracasso de Josafá é atribuído a sua aliança com o rei de Israel.

**Jorão de Judá (2Cr 21,1-20).** Para o Cronista, o reinado de Jorão é um dos momentos mais obscuros do reino de Judá; um período que termina na regência da rainha Atalia, a quem sucede Joás, graças a uma revolta. Sem dúvida Jorão foi um rei mau. O reinado começa com um fratricídio em massa (v.4) e termina com idolatria declarada (vv.11-15). Sua morte é apresentada como castigo de Deus: prematura, dolorosa,

sem funeral nem sepultura real (vv.18-20). A referência ao profeta Elias é anacrônica.

**Ocozias de Judá (2Cr 22,1-9).** O Cronista baseia-se em 2Rs 8,25-29. Ocozias estreitou laços de amizade com o Reino do Norte e foi malvisto aos olhos de Deus. Todos os males procedem desse reino, corrompido pela influência fenícia. O parentesco, a aliança, os exemplos e conselhos pervertem também o rei de Judá (3-5). O capítulo termina com o crime de Atalia e a esperteza de Josaba, que permitiu a continuidade da linhagem de Davi graças à proteção dada a Joás (ver 2Rs 11,1-3).

**Luta contra Atalia (2Cr 22,10-23,21).** O episódio da morte de Atalia segue de acordo com 2Rs 11,1-20, com mudanças significativas: a execução do empreendimento é realizada pelos sacerdotes, levitas e inclusive os cantores, não pelos soldados; a aceitação do novo rei Joás é unânime. O relato final da reforma do sacerdote Joiada (23,16-21) apresenta-se como uma restauração das instituições davídicas.

**Joás de Judá (2Cr 24,1-27).** O reinado de Joás é apresentado pelo Cronista de acordo com sua ideia de retribuição, dividindo-o em duas etapas. Na primeira o rei é um exemplo em cumprir a lei de Moisés, graças aos conselhos do sacerdote Joiada (1-14a). Na segunda, torna-se idólatra e homicida por seguir os conselhos da nobreza, e por isso é assassinado por discípulos de Joiada (14b-27). O ponto de cisão é constituído pela morte do sacerdote Joiada, pois Joás, enquanto o sacerdote Joiada viveu, fez o que o Senhor aprova (v.2). O apedrejamento público do profeta Azarias é sinal da recusa do rei à Palavra do Senhor (vv.20s). Esse episódio é provavelmente aquele referido em Mt 23,35.

**Amasias de Judá (2Cr 25,1-28).** A história do reinado de Amasias é narrada pelo Cronista de maneira análoga à de Joás: o redator emprega o mesmo esquema de divisão em duas etapas, fidelidade (vv.1-10) e

infidelidade ao Senhor (vv.11-28). O texto de 2Rs 14,1-22 levantava para o Cronista um problema teológico: como conciliar a derrota perante Israel e a morte pouco gloriosa de um rei fundamentalmente bom? Para explicar isso, acrescenta os vv.5-10.13- 16.20, onde se interpreta a morte de Amasias como consequência de seu pecado. As etapas estão animadas pela intervenção de dois profetas (vv.7.15). Ao primeiro o rei obedece e uma vitória é a consequência; ao segundo ele rechaça, e a consequência é uma derrota.

**Azarias (Ozias) de Judá (2Cr 26,1-23).** O Cronista elabora e amplia 2Rs 14,21s e 15,1-7 a partir de seu esquema de duas fases: no princípio temos um rei piedoso e próspero (vv.1-15), depois um rei sacrílego e ferido por Deus (16-23). O ponto de cisão é constituído pelo v.16: o pecado de Ozias consiste em ter-se arrogado pretensões sacerdotais queimando incenso no templo. O castigo da lepra o torna impuro e impede sua entrada no santuário (Lv 13,45).

**Joatão de Judá (2Cr 27,1-9).** O reinado de Joatão é descrito em muito poucos versículos. O texto segue 2Rs 15,32-38, embora o Cronista acrescenta algumas informações novas (3b-6).

**Acaz de Judá (2Cr 28,1-27).** O autor ajunta dados negativos sobre o reinado de Acaz preparando por contraste o reinado de Ezequias. Emprega 2Rs 16,1-20 e Is 7s. Historicamente são tempos difíceis tanto para Judá quanto para Israel. Judá está sitiado: edomitas pelo sul (v.17), filisteus pelo oeste (v.18); e pelo norte surge um inimigo formidável, Israel, o reino irmão (v.7), aliado e protegido pela Síria (v.6). Acaz pede auxílio a uma nova potência da época, a Assíria (v.16). Essa convocação funesta acarreta danos religiosos e econômicos. A impiedade chega a tal extremo que o templo é fechado (v.24), ou parece ser eliminado o culto diário (29,7). O gesto de perdão que Israel realiza em favor de seu

irmão Judá, graças às palavras do profeta Oded (vv.9- 15), expressa que aqueles que foram libertados da escravidão do Egito não podem ser escravos. A homenagem que o autor rende aos israelitas às vésperas de sua catástrofe nacional é impressionante. Dar de comer ao faminto, dar de beber ao sedento, vestir o nu, libertar o cativo, cuidar do enfermo. Obras de misericórdia prestadas ao inimigo, ao irmão vencido (cf. Lc 10,29-37).

**Ezequias de Judá (2Cr 29,1-32,33).** O Cronista dedica quatro capítulos ao reinado de Ezequias fazendo deste rei o mais importante de Judá, depois de Davi e Salomão. O autor segue 2Rs 18-20 omitindo 2Rs 18,9-12 e acrescentando a purificação do templo e a restauração do culto (29,3-36), a celebração da Páscoa (30,1-27), a reorganização do clero (31,1-19), e a prosperidade de Ezequias (32,27-30). É evidente que a intenção do Cronista dirige-se ao aspecto religioso do reinado. Ezequias se transforma no grande renovador religioso, superior inclusive a Josias. É interessante ver que não aparece nenhum profeta, talvez porque a fidelidade de Ezequias ao Senhor não necessite de um profeta que lho recorde.

**Reforma religiosa (2Cr 29,1-36).** Este capítulo narra o restabelecimento do culto no templo que fora fechado por Acaz. Abrem-se as portas do templo (29,3) e se realizam sacrifícios de animais (29,18-24). Sobressai a importância dos levitas em relação aos sacerdotes. Nessa cerimônia o Cronista faz colocar em destaque a presença da música sacra animada por levitas cantores (vv.25-30) e da alegria que nela existe (v.30b).

**A Páscoa (2Cr 30,1-27).** Este relato da Páscoa é o segundo ato do reinado de Ezequias e está inspirado em Nm 9,1-14. Essa Páscoa pretende congregar todos os que estão dispostos a responder ao chamado do Senhor por meio de Ezequias. A Páscoa procura restabelecer o velho

ideal da unidade, daí que um traço do texto seja o convite para a festa dirigido às tribos do Norte e a participação de algumas delas (vv.4-11). Permite-se celebrar a Páscoa a quem não está ritualmente puro (vv.17-20) considerando a pureza interior superior à pureza legal, que também é importante. Os vv. 23-27 descrevem uma segunda festa, cuja característica é a alegria e a espontaneidade.

**Reorganização do culto e do sacerdócio (2Cr 31,1-21).** O Cronista toma o texto de 1Rs 18,4-6, inserindo na metade (vv.2-19) o relato da reorganização do clero. De acordo com o autor, Ezequias restabelece a ordem instituída por Salomão (8,12-15; 23,18s) que para o resto não fazia senão aplicar as leis ditadas por Davi. Estabelecem-se as normas para os donativos e para as oferendas do povo e do rei (cf. Ez 45,22-24; 46,2). A menção de Efraim e Manassés (v.1) parece indicar a totalidade do Reino do Norte.

**Invasão de Senaquerib (2Cr 32,1-33).** O episódio da invasão de Senaquerib, rei da Assíria, é uma reelaboração de 2Rs 18s adaptando-a a seu pensamento. O capítulo está construído sobre o esquema de fidelidade (v.1), prova (vv.7s.20-23), infidelidade (v.25), arrependimento (v.26) e bênção (vv.27- 29). Na preparação do cerco é importante ver a preocupação com a água (3.30; 2Rs 20,20; Is 22,9-11) que levou à construção do “túnel de Ezequias”, que ainda desvia as águas da torrente do Gião para o interior da cidade de Jerusalém. Sobre os últimos anos do reinado de Ezequias (vv.30-33), chama a atenção que só se faz uma pequena referência à doença do rei (v.24), e é excluída qualquer referência ao profeta Isaías.

**Manassés de Judá (2Cr 33,1-20).** Para 2Rs 21,1-18, a figura de Manassés é a do rei ímpio que multiplicou ídolos e altares, extraviou seu povo, derramou rios de sangue inocente e não se importou com os

profetas, pelo que a destruição de Jerusalém se torna inevitável por causa de suas faltas. O Cronista recolhe em parte essa imagem integrando-a em um esquema de duas etapas: antes e depois de sua humilhação (v.19). Para o Cronista tornava-se estranho que um rei ímpio tivesse um reinado tão longo (55 anos), sinal da bênção divina; por isso, introduz o tema da humilhação e de seu exílio na Babilônia (v.11) para justificar esse fato.

**Amon de Judá (2Cr 33,21-25).** Seguindo 2Rs 21,19-26, o julgamento que o Cronista faz do breve reinado de Amon é sumamente negativo. Atribui a Amon a condenação que 2Rs 21,12 lança contra Manassés. O fim trágico de Amon foi consequência de seus pecados, segundo a teologia do Cronista.

**Josias de Judá (2Cr 34,1-35,27).** O relato baseia-se em 2Rs 22,1-23,30. O Cronista apresenta a reforma de Josias de maneira diferente da do livro dos Reis. Coloca no começo a reforma como ato de limpeza radical de qualquer forma de idolatria, limpeza que inclusive vai mais além dos limites do reino de Judá. Posteriormente, relata o descobrimento do livro da Lei (34,14-21) que motivaria uma nova reforma religiosa (v.33). O relato da Páscoa de Josias é muito mais extenso que o narrado em 2Rs 23,21-23. Neste relato realça o papel dos levitas sobre o dos sacerdotes (35,3-6). Os vv.35,7-9 mostram que a celebração familiar da Páscoa se transformou em uma festa nacional, na qual, além da imolação dos cordeiros, incluem-se holocaustos de comunhão, dos quais o povo é chamado a participar (35,10-17). O relato da morte de Josias (35,20-27) mostra que, ainda que ele tenha sido um monarca piedoso e grande reformador, morreu tragicamente em uma batalha inútil contra o faraó Neco, que não estava em guerra contra Judá (35,21). Isso implicou um escândalo e um mistério para o povo. O Cronista interpreta a morte de Josias, de algum modo, como sinal da desaprovação divina a um

pecado pessoal. De maneira surpreendente o pecado é descrito como uma recusa a escutar a Palavra de Deus pronunciada pelo faraó Neco (35,22). Desconhecemos o texto das Lamentações a que se refere o autor em 35,25.

**Últimos reis de Judá (2Cr 36,1-23).** O Cronista oferece no último capítulo um resumo muito rápido dos acontecimentos que vão desde a morte de Josias até o exílio da Babilônia. Selecciona e resume 2Rs 23,21-25,30 e Jr 39; 52. O Cronista considera o exílio como um fato trágico, mas já concluído e muito distante no tempo. O autor repete o estribilho “fez o mal aos olhos do Senhor, seu Deus” (vv.5.9.12.14) de tal maneira que a acumulação das transgressões dos reis desencadeia o final trágico (vv.16-20). Resulta significativo o comentário do v. 21 que combina Jr 25,11 com Lv 26,33-35, no qual o exílio é considerado o cumprimento da lei do descanso sabático para a terra, embora a realidade fosse mais complexa e a terra continuasse sendo cultivada.

Os vv.22s contêm uma versão do edito de Ciro, pelo qual o rei da Pérsia permitiu o retorno para Jerusalém dos israelitas exilados. O texto é paralelo a Es 1,1-4 e indica sua continuidade com o relato de Esdras; além do mais, expressa que a história trágica do reino de Judá terá um final esperançoso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.